

peito — o que contribui para o mito de que eles não podem ou não conseguem mamar.

Amanda ressalta que a fraqueza muscular pode causar no bebê um menor reflexo associado à questão respiratória — em alguns casos, pode ter uma fraqueza pulmonar —, o que também pode impactar no processo de aleitamento.

O diferencial é compreender que cada bebê é único, independentemente de compartilharem ou não da mesma síndrome, e, portanto, não podem ser tratados sem a consideração de suas particularidades. “No caso da Cecília, o fato de ela não ter nenhuma cardiopatia facilitou o estímulo. Fiz a avaliação do tônus muscular da face dela, a capacidade que ela tinha de exercer a sucção no seio materno e fomos desenvolvendo ao longo dos dias em que ficou internada”, conta a fonoaudióloga.

Além dos benefícios para a saúde de Cecília, a amamentação bem-sucedida foi uma vitória para Mariana, que escolheu dividir a experiência com outras mães e lutar contra a desinformação que prejudica outros bebês com trissomia 21 ou mesmo outras síndromes.

Mas Mariana ressalta que não foi simples ou fácil. Sair da maternidade após 28 dias com a filha em aleitamento materno exclusivo exigiu dedicação e cuidado, não só da mãe, mas também da equipe responsável. Nos primeiros 15 dias, Mariana ordenhava o leite, que era ofertado para Cecília pela sonda, depois foi a hora de ir para o peito. “A fono nunca questionou a capacidade da Cecília, apenas buscou entender como ela conseguiria mamar.”

Com muita paciência, elas testaram diversas posições, ângulos, a mãe fazia uma pinça com o bico do peito para facilitar a sucção. Com a técnica das fonoaudiólogas, Cecília mamou oito minutos seguidos, momento marcante para a mãe. Na alta da UTIN, ela mamava em livre demanda. Em casa, passou o primeiro ano de vida em aleitamento exclusivo, compartilhando o peito da mãe com o irmão.

Outros mitos

Além do aleitamento materno, Mariana comenta que Cecília desafiou diversos mitos

envolvendo bebês com síndrome de Down. Para começar, ela critica o uso do termo ‘bebê Down’. “Reduz o bebê ao diagnóstico, ele não é Down, ele tem uma síndrome. Essas mães não têm uma síndrome, elas têm um bebê como todos os outros e que precisa do mesmo cuidado. Talvez de mais paciência ou suporte, como fisioterapia e fonoterapia, mas é um bebê”, desabafa.

A experiência de Cecília e Amanda é um exemplo de que essas crianças não são todas iguais, superando uma série de mitos e estatísticas. Apesar de ter precisado ir para UTI Neonatal logo que nasceu, Cecília foi uma prematura tardia, chegou ao mundo com 36 semanas e 5 dias, apenas dois dias antes de ser considerada um bebê a termo.

O parto foi natural, outra barreira colocada injustamente a essas gestantes. Ela não tem cardiopatias, algo que as pessoas pensam que todos os bebês com trissomia têm, mas que atinge apenas 50% deles.

Ministério da Cultura e REDE apresentam

A Última Sessão de FREUD

de Mark St. Germain

14

MAIS DE 130 MIL PESSOAS JÁ ASSISTIRAM

ODILON WAGNER E MARCELLO AIROLDI
DIREÇÃO ELIAS ANDREATO
IDEALIZAÇÃO RONALDO DIAFERIA

TEATRO UNIP BRASÍLIA
BRASÍLIA, DF
21, 22 E 23 DE MARÇO
SEXTA E SÁBADO 20H | DOMINGO 19H30

INGRESSOS **Symplic**
www.freud.art.br

PRÊMIO SHELL Indicação Melhor Ator
PRÊMIO APCA Indicação Melhor Ator
PRÊMIO BIBI FERREIRA Indicação Melhor Ator
PRÊMIO SHELL Indicação Melhor Cenário
PRÊMIO CENYM Indicação Melhor Texto Adaptado
PRÊMIO BIBI FERREIRA Indicação Melhor Peça

clube **50%** DE DESCONTO*
CORREIO BRAZILIENSE

PATROCÍNIO

APOIO

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO

